

# ***Guerra entre irmãos: personagens histórico-poéticos de um conflito e a formação de MS***

MILEIDI FERREIRA DE CASTILHO (PIBIC/UEMS)

JOSÉ ANTONIO DE SOUZA (ORIENTADOR)

UEMS – UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CASSILÂNDIA. RODOVIA MS 306 - KM 6,4

## **Resumo**

A história registra que em 1811, ao libertar-se da Espanha, o Paraguai começa uma profunda mudança em seus costumes políticos, até então próximos aos padrões latino-americanos. Com isso iniciam-se movimentos contrários ao governo do Paraguai, não só por parte da elite local, mas também por parte de governantes e elites de outros países vizinhos; os argentinos, por exemplo, percebem que o ditador paraguaio é um exemplo que deve ser contido antes que ultrapasse as fronteiras guaranis. Assim inicia-se um grande conflito entre alguns países vizinhos – a Guerra do Paraguai. Em termos literários, encontramos vários registros de tal guerra, já logo após o seu final, como é o caso da produção de Taunay. Em nossa pesquisa objetivamos demonstrar por meio de uma obra da escritora Raquel Naveira a importância em conhecer a Guerra do Paraguai e sua relação com a literatura, sobretudo sul-mato-grossense. Dessa maneira, analisamos a obra *Guerra entre irmãos*, abordando tanto aspectos relevantes na construção poética, quanto os aspectos históricos presentes, contrastando dados e personagens históricos com a apropriação literária.

Palavras chaves: Literatura. História. Poesia

## **Abstract**

The History records that in 1811, by emancipating itself from Spain, Paraguay starts a deep change in its political habits, until then close to the Latin-American models. Thereby begins movements contrary of Paraguay's government, not only by the local elite, but by governors and elite from other neighbor countries; the Argentine, for exemple, realize that the Paraguayan dictator is an exemple that should be held before overcoming the Guarani's borders. Thus begins a great conflict between some neighbor countries – Paraguay War. In literary terms, we found several registries of such a war, since shortly after its ending, such as the case of Taunay's production. In our research we aimed to demonstrate by means of a work of Raquel Naveira the importance of knowing about Paraguay War and its relation to literature, especially Sul-Mato-Grossense. Thus, we analyzed the work *Guerra entre irmãos*, addressing both relevant aspects, contradistinguishing data and historical caracters with the literary appropriation.

Key-words: Literature. History. Poetry.

## **1. Introdução**

A história registra que em 1811, ao libertar-se da Espanha, o Paraguai começa uma profunda mudança nos seus costumes políticos, até então próximos aos padrões latino-americanos. José Rodríguez Gaspar de Francia assume o governo em 1814 e nomea-se *El Supremo* e com isso as elites perdem o poder político e econômico.

Iniciam-se movimentos contrários ao governo do Paraguai, não só por parte da elite local, mas também por parte de governantes e elites de outros países vizinhos; os argentinos ricos, por exemplo, percebem que o ditador paraguaio é um exemplo que deve ser contido antes que ultrapasse as fronteiras guaranis.

De acordo com CHIAVENATO (1996), Francia conquista muito em seu governo e promove principalmente a educação. Com sua morte em 20 de setembro de 1840, sobe ao poder Carlos Antonio Lopez, que segue o modelo de Francia, modernizando o estilo de governo e tem progresso sem precisar de empréstimos externos. Em 1862 ele morre e é sucedido por seu filho Francisco Solano Lopez; na época o Paraguai completava 40 anos de instabilidade interna, mas o país dependia cada vez menos do fornecimento das companhias marítimas inglesas que dominavam o comércio internacional.

Em relação ao Brasil e a Argentina, presos ao imperialismo econômico britânico, o Paraguai era mais um país “livre”. CHIAVENATO (1996) salienta que, em meados do século XIX, intensifica-se a crise econômica no Brasil agravada pelo sistema escravista em declínio e isso conduz o país ao endividamento e coloca a economia em situação cada vez mais dependente da Inglaterra. Assim como o Brasil a Argentina também estava penhorada junto a bancos ingleses.

O latifúndio era a base da economia da Argentina servindo especialmente para criar gado. Nada se fazia para implantar indústrias, praticamente todo o material industrializado era comprado dos ingleses. Já o Uruguai, outro país que será aliado do Brasil na chamada tríplice aliança, será decisivo para o início do conflito a partir da invasão brasileira.

O império apoiava essa invasão através do banco Mauá, que desde 1857 atuava no Uruguai; o banco representava os ingleses com capitais fornecidos por Rothschild e, assim, o Uruguai prende-se também a dominação econômica inglesa por meio de Mauá; a capital do país é remodelada com seus empréstimos.

Os capitais ingleses se enraízam na economia do Brasil, da Argentina e do Uruguai. O progresso do Paraguai crescia e isso contrariava os interesses da Inglaterra, conforme DORATIOTO (2007).

Conforme observam GRESSLER E VASCONCELOS (2005), preocupados com as intenções do Brasil quando este invadiu o Uruguai em 1864, o Marechal Solano Lopez resolveu declarar guerra ao Brasil. Capturou um navio brasileiro em novembro de 1864 e logo em seguida invadiu a província de Mato Grosso. Solano Lopez esperava contar com o apoio da Argentina e enviou suas forças para invadir o sul do Brasil através da província de Corrientes. Entretanto com a assinatura do tratado da Tríplice Aliança em maio de 1865, Argentina, Brasil e Uruguai (todos financiados pela Inglaterra) tornam-se protagonistas de uma das maiores guerras do século XIX, empreendida contra um único inimigo, o Paraguai.

A importância de se estudar a Guerra da Tríplice Aliança é perceptível porque, de acordo com Júlio José Chiavenato (1996), nenhum povo que pretenda entender o presente e construir um futuro digno deve desprezar o passado e, assim, o passado em nosso continente tem neste conflito um momento muito significativo, uma vez que a partir de então se redefiniram fronteiras e culturas.

A história da Guerra do Paraguai atualmente é abordada com mais intensidade e questionamentos pelos historiadores. É de suma importância observar na história assim como na literatura fatos e aspectos sobre a guerra do Paraguai, até porque é algo que envolve os nossos antepassados e a própria agonia que viveu o povo brasileiro que na guerra defendeu os interesses de nosso país.

Em termos literários, o primeiro registro que possuímos é A retirada da laguna, de Taunay, romance que foi publicado pela primeira vez em 1871, ou seja, logo após o término da Grande Guerra. Entretanto, a presença da história da guerra do Paraguai não é tão enfatizada na literatura, sobretudo na literatura Sul-Mato-Grossense, especialmente se formos considerar as implicações do conflito em nossa região.

A poesia histórica inserida em *Guerra entre irmãos*, editado pela primeira vez em 1993 de Raquel Naveira é especialmente uma grande reflexão acerca da guerra anteriormente abordada. Já a partir do título temos uma sugestão da abordagem empreendida por Naveira.

Um fator de destaque a ser analisado é a presença de “heróis da guerra”, como Francisco Solano Lopez e sua amasia Madame Lynch, como destaca POMER (2005); o texto de Raquel Naveira mostra a importância em conhecer a literatura para se ter contato com o passado histórico. Lê-se no poema “XXVIII-Cerro Cora” estas estrofes:

Na carruagem,  
Arquibancada do anfiteatro,  
Madame Lynch  
Assiste à luta, seu filho Pancho, de dezesseis anos,  
Não se rende,  
É um homem defendendo a mãe,  
Com olhos cheios de orgulho e lágrimas  
Recebe um golpe no coração.

Madame Lynch,  
Irlandesa acostumada a séculos de humilhações,  
Cava com as próprias mãos a sepultura  
Para o filho e o companheiro.

A presença das vertentes histórico-regional-culturais em *Guerra entre irmãos* faz com que sejam ressaltados os nomes das grandes personalidades envolvidas no conflito, tanto do lado paraguaio como dos demais envolvidos na guerra. Assim, a partir do texto literário, poderemos empreender não apenas um retorno ao passado histórico, mas também refletir, de maneira atualizada, acerca do conflito e suas conseqüências para todas as partes envolvidas. Vale destacar, ainda, que o distanciamento histórico também favorece tal empreendimento.

Nossa proposta teve como objetivo principal analisar a obra de Raquel Naveira *Guerra entre irmãos*, abordando os aspectos históricos que se fazem presentes, contrastando dados e personagens históricos com dados e personagens ficcionais. Além disso, pretendemos destacar a produção literária de uma autora Sul-Mato-Grossense acerca de um fato histórico particularmente caro à nossa região.

Para tanto, empreendemos uma pesquisa de revisão bibliográfica e de análise literária e, na seqüência, passamos a apresentar parte de nosso trabalho.

## **2. A GUERRA DO PARAGUAI E A FORMAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL**

Toda a história de Mato Grosso do Sul está relacionada ao processo de colonização do Brasil, até chegar à própria independência de nosso país e à demarcação seus territórios, criando vários estados e também ao processo de divisão do antigo estado de Mato Grosso.

Conforme GRESSLER e VASCONCELOS entre os habitantes nativos do território que hoje é sul mato-grossense, os mais numerosos, no século XVI, eram os guaranis. Também é importante notar que com o tratado de Tordesilhas, que fora firmado seis anos antes de Cabral chegar ao Brasil, parte do território brasileiro já pertencia a Portugal. E de acordo com o tratado, parte do atual Mato Grosso do Sul situava-se em território pertencente à Espanha uma vez que com a divisão do território espanhol em províncias, isto em 1617, tem-se a província do Rio de La Plata com a capital em Buenos Aires e a província do Paraguai com a capital em Assunção.

Sabe-se que até 1750, ano em que foi assinado o tratado de Madri, na Espanha, a região territorial do atual estado de Mato Grosso do Sul, oficialmente pertencia à província do Paraguai, mas é com o tratado de Madri que fica determinado uma nova demarcação das linhas territoriais entre Portugal e Espanha. De acordo com COSTA (1999):

foi o tratado de Madri que pela primeira vez, compôs equipes mistas de demarcação que se dirigiram à América do Sul. Antes disto, apesar da intensa presença dos *portugueses Del Brasil* nas terras castelhanas desde meados do XVII, nenhuma tentativa havia sido realizada para recorrer à verdadeira fronteira interior entre os domínios espanhóis e portugueses na América Meridional. [...] Para percorrer, reconhecer e demarcar a região onde se localiza o Pantanal formou-se, por força do tratado de Madri, uma das três partidas que naquele momento indicariam o tratado da linha fronteira nas terras sul-americanas.

É de suma importância notar que com a independência, o Brasil deixa de ser colônia de Portugal e assim cria-se o império do Brasil. No Brasil imperial, o primeiro regente do antigo Mato Grosso foi José Saturino da Costa Pereira que assume o cargo em 1824 e assim a maior preocupação do governo da província era defender as fronteiras.

Já no lado paraguaio como observam as autoras GRESSLER e VASCONCELOS, a partir de 1617, Assunção passou a depender de Buenos Aires para ter acesso ao mar, com a criação do vice-reinado do Rio da Prata em 1776, o Paraguai ficava submetido a Buenos Aires, sede da administração espanhola, a quem tinha que pagar pesadelos impostos. E isto contribuiu para levá-lo a independência em 1811, após muita luta.

Dáí em diante, Paraguai transforma-se em uma exceção política na América Latina, tornando-se assim uma nação soberana e livre, motivos pelos quais não necessitam de

empréstimos estrangeiros; todo o comércio era autônomo e interno, diferente de outros países vizinhos que não possuíam fábricas próprias e dependiam de empréstimos externos.

Todo o crescimento do Paraguai e a instabilidade interna faziam com que o país dependesse cada dia menos do fornecimento das companhias marítimas inglesas que dominavam o comércio internacional, com isso contrariava os interesses da Inglaterra que acabaria apoiando o Brasil, a Argentina e o Uruguai na guerra que travariam contra um único inimigo, o Paraguai.

Segundo GRESSLER e VASCONCELOS, em setembro de 1864, o Brasil interveio militarmente no Uruguai para derrubar seu presidente, Atanásio Cruz Aguirre, em apoio a Venâncio Flores, mas a ocupação de Montevidéu pelo Brasil, com a participação da Argentina e a cumplicidade da Inglaterra, atingiu diretamente o Paraguai, pelo fechamento dos rios da Bacia Platina. E assim o Uruguai se torna um fator decisivo para a sobrevivência do Paraguai como Estado Livre.

Os brasileiros ameaçavam invadir as fronteiras do norte do Paraguai e o governo argentino havia praticamente fechado o Rio do Prata ao comércio paraguaio impondo impostos e capturando navios, por isso o dirigente paraguaio Solano López que apoiava Aguirre, declara guerra ao Brasil. López inicia a guerra seqüestrando o navio brasileiro Marques de Olinda, que transportava o futuro governador da província de Mato Grosso, Frederico Carneiro de Campos e várias autoridades que o acompanhavam para a posse; logo em seguida invade a província de Mato Grosso, ocupando grande parte da região que hoje é Mato Grosso do Sul.

Dessa maneira a Guerra Grande se inicia em dezembro de 1864, mas a notícia da invasão paraguaia levou 47 dias para chegar a D Pedro II, no Rio de Janeiro, levada por Joaquim Eugenio Gomes da Silva, o Barão de Vila Maria, proprietário da fazenda Firme, a mais antiga do pantanal.

Os paraguaios atravessaram a província de Corrientes, na Argentina, para chegar ao Rio Grande do Sul, onde o exército brasileiro estava, e isso fez com que os argentinos se aliassem ao Brasil e ao Uruguai no tratado da tríplice aliança assinado, firmado em maio de 1865.

Logo no início de 1865 foi organizada a força expedicionária do Mato Grosso, formada por cerca de 3000 homens vindos de São Paulo, do Rio de Janeiro, Minas Gerais e

Goiás; eles tinham como objetivo retomar as terras ocupadas pelos paraguaios. Parte desta expedição protagonizou o episódio conhecido por Retirada da Laguna, e tinha como comandante o Coronel Carlos Moraes Camisão, guiado pelo sertanista Jose Francisco Lopes “o Guia Lopes”. É de grande relevância notar que entre os oficiais superiores do Exército brasileiro havia uma figura que depois se tornaria célebre, Alfredo d’Éscragolle Taunay, mais tarde conhecido como Visconde de Taunay. Taunay em seu livro comenta como fora a morte do Coronel Camisão:

façam seguir as forças, que vou descansar”. E assim expirou [...]  
Numa cova aberta, sob grande árvore, no meio da mata, na escuridão da noite, enterrou-se o Coronel, com seu uniforme e insígnias. (TAUNAY, 2002, P.79).

Já em junho de 1865, as forças paraguaias são derrotadas na batalha do Riachuelo, perdendo a saída para o mar; com a destruição completa de sua marinha o Paraguai concentra seus ataques por terra. No próximo ano a maior derrota paraguaia acontece na Batalha de Tuiuti, contudo não foram derrotas somente paraguaias, porque em setembro de 1866 os aliados sofrem sua maior derrota na Batalha de Curupaiti, e esta derrota faz o uruguaio Venâncio Flores voltar para seu país, passando o comando geral das forças da Tríplice Aliança ao argentino Batolomé Mitre.

Em fevereiro de 1864, Mitre entrega o comando aliado a Caxias e assim são travadas as Batalhas do Itororó, Avaí e Lomas Valentinas e assim é Caxias quem decide a sorte do exercito paraguaio, seguindo-se a ocupação de Assunção, invadindo a Capital paraguaia, em Janeiro de 1869. Mas Caxias não segue até o fim, passando o comando para o conde D'Eu e assim dois destacamentos foram enviados em perseguição ao presidente paraguaio, que fugira para o Norte do país.

Em primeiro de março de 1870, as tropas do general José Antônio Correia da Câmara atacaram o último acampamento paraguaio em Cerro Corá, e segundo as autoras GRESSLER e VASCONCELOS, com isso, acaba finalmente a guerra, ou seja, com a morte de Solano López em Cerro Cora, nas proximidades da atual cidade de Ponta Porã.

“Lopez galopa só. Tem a perseguição de toda a tropa imperial ás suas costas. No seu vocabulário, desde 1864, não existe a palavra rendição.

Patras da cavalaria ás dúzias, seus ginetes cercam o tirano. Seu baio atingido cai no barro do Aquibadan.

—Lopez, sois prisioneiros do Exército Imperial. Entregai-vos, que vos garantimos a vida  
—grita um tenente.

Os olhos de Lopez cintilam de ódio. Coberto de barro, sujo, esfarrapado, dispara um tiro em direção ao tenente. Nunca aceitaria ordens de comando estrangeiro. O cabo Francisco

Lacerda, de apelido Chico Diabo, numa carga, atropela o corpo de Lopez com a lança, perfurando-lhe o baixo-ventre. Seu rosto retorce-se de agonia. Por todos os lados, cavalos e uniformes imperiais. O corpo afunda na água barrenta. Com grande esforço, ergue-se e desembainha a espada. Ameaça simbolicamente os inimigos. O sangue escorre pela boca e narinas.

\_\_\_*muero com mi pátria!* Exclama em agonia.” (PERNIDJI)

Assim tendo o Brasil vencido a guerra garantiu seus direitos com relação aos territórios disputados, a economia pós-guerra estava completamente abalada e como já se esperava o aumento da dívida externa havia crescido.

O panorama do Mato grosso do Sul após a guerra do Paraguai mostrava fazendas destruídas, grandes áreas abandonadas, população dispersa e grande crise econômica. (GRESSLER e VASCONCELOS).

Mas notamos que apesar das dificuldades enfrentadas no pós-guerra, a luta travada é de grande importância principalmente para nós, sul-mato-grossenses, pois foi após a guerra que os limites entre Paraguai e Brasil foram demarcados.

Os trabalhos demarcatórios foram iniciados em 16 de agosto de 1872, nas cabeceiras do Rio Apa, seguindo-se a colocação de marcos de pedra e cal nas cabeceiras dos principais rios divisores, e de postes nos pontos intermediários até Guairá, onde os trabalhos foram concluídos, próximo a quinta queda, no dia 24 de outubro de 1874. (GRESSLER e VASCONCELOS)

Com o término da guerra muitos ex-combates brasileiros e paraguaio-guaranis fixaram-se nas terras de Mato Grosso do Sul. Permaneceram motivados, principalmente, pelo desejo de evitar a convivência com a situação caótica em que se encontrava o Paraguai após a guerra e assim inicialmente dedicaram-se ao trabalho no campo, e mais tarde à extração da erva-mate, a serviço da Companhia Mate Laranjeira.

A história registra que antes da guerra o atual MS era dividido em apenas cinco municípios sendo estes: Corumbá, Santana do Paranaíba, Miranda, Nioaque e Coxim. A primeira cidade da região hoje denominada MS foi Corumbá; esta abrangia vários municípios que hoje temos em nosso estado. E sabe-se que em 21 de setembro de 1778, por ordens do capitão Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Corumbá teve o nome de Albuquerque.

Já o município de Miranda, um dos mais antigos do estado, no governo de Albuquerque, o capitão João Luiz de Leme do Prado escolhe um lugar para a instalação de uma fortificação. Os alicerces foram lançados em 1778, com o nome de nossa Senhora do Carmo do Rio Mondego e logo foram aumentando os moradores da cidade que se chamava

Mondego. No entanto, foi à lei provincial n.1 que fundou oficialmente a cidade de Miranda, em 30 de maio de 1857, mas a instalação só ocorreu em janeiro de 1859.

A região de Paranaíba permaneceu sob liderança de Antonio Pires De Campos, o celebre “Pai Pira”, como era conhecido entre os índios, sendo que por volta de 1830, a área começa a ser povoada por várias famílias vindas de Minas Gerais, lideradas por José Garcia Leal e, em 1836, através da parceria entre os Garcia e o Padre Francisco Sales de Souza Fleury, foi construída a primeira igreja, mas o município oficialmente será criado pela lei n.5, de 10 de julho de 1857.

Nioac foi o primeiro nome do quarto município criado ainda na época da província Mato Grosso que passa a se chamar Levergéria, em homenagem a Augusto Leverger (Barão de Melgaço); Nioaque obteve destruição total com a guerra sendo reconstruída a partir de 1870.

As autoras GRESSLER e VASCONCELOS observam que a cidade de Coxim teve início em 1729, quando Domingos Gomes Belliago, instalou o arraial de Belliago, a margem direita do rio Taquari, com a intenção de ajudar as monções, que iam de São Paulo a Cuiabá, ou que vinham de lá. E assim Coxim foi elevada a distrito pela lei n.1 de 6 de novembro de 1872, sendo criado o município pela lei 202, de 11 de abril de 1898.

Mesmo com o término da Guerra Grande não chegam os bons tempos, pois tinham em contrapartida que a política do Norte de Mato Grosso “explorava” a do Sul. Uma vez que era a região sul do estado que tinha necessidade de reconstrução, enquanto o norte não sofreu conseqüências diretas com a guerra.

Desse modo surgiram os revolucionários que iniciaram as lutas pela divisão do estado: quem merece destaque na luta separatista foi o Coronel da Guarda Nacional João Ferreira Mascarenhas conhecido como “Jango”, que se concentra em Nioaque e começa a lutar para dividir o estado tendo antes vendido todos os seus patrimônios. Mascarenhas morreu em combate em outubro de 1901 nas margens do rio Taquarussu, em Nioaque. Há vários registros de movimentos separatistas depois da morte de Mascarenhas.

Em uma crônica de Rubem Braga, em rápidas, porém pinceladas, já anunciava o perfil de um estado: “Mato Grosso é um palco à procura de personagens”; registrando, à época, que “a bela Campo Grande toda orgulhosa e rica que, de tão rica e orgulhosa, já anda querendo se separar de Mato Grosso dizendo que o Norte do Estado explora o Sul, que o Sul deve deixar de ser Mato Grosso para ser Maracaju, etc.”(Paulo Sérgio Nolasco dos Santos)

Com Getúlio Vargas no poder inicia-se uma revolta que se denominou Revolução Constitucionalista; os revolucionários paulistas, apoiados pelos sul mato-grossenses, exigiam uma nova Constituição.

O general Bertoldo Klinger, comandante da Circunscrição Militar, com sede em Campo Grande, foi o chefe revolucionário no sul do estado. O general Klinger nomeou Vespasiano Barbosa Martins governador civil constitucionalista do estado de Maracaju, criado pelos revolucionários. (GRESSLER e VASCONCELOS)

Corumbá não aderiu ao movimento, continuando fiel a Cuiabá.

Em 11 de julho, Campo Grande era declarada, pelas forças revoltosas, a capital do estado do sul, independente do norte, sendo o seu governador Vespasiano Barbosa Martins e o secretário geral Arlindo de Andrade Gomes. Estava concretizando o sonho de Jango Mascarenhas (GRESSLER e VASCONCELOS)

De acordo com GRESSLER e VASCONCELOS, em 2 de outubro de 1932, terminou a revolução com a derrota do movimento, porque São Paulo não conseguira o apoio de outros estados. Logo em 1934, foi criada a liga mato-grossense, com objetivo de não deixar morrer o ideal divisionista e organizar o movimento.

No dia 13 de setembro de 1943, Getúlio Vargas, então Presidente da República, cria no país cinco novos territórios federais: Amapá, Rio Branco (atual Roraima), Iguazu, Guaporé (atual Rondônia), e Ponta Porã.

Ponta Porã foi escolhida como capital do novo território, porém o Decreto-lei n.6.550, de 13 de maio de 1944, transferiu a capital para Maracaju. Em 1946, Ponta Porã voltou a ser a capital. Assim percebe-se que todos esses fatos históricos, iniciados com a Guerra do Paraguai, foram influências significativas para a divisão do estado de Mato Grosso. Notamos que o sonho da divisão do estado de Mato Grosso do Sul atravessou gerações que se empenharam em campanhas procurando sensibilizar o poder central.

O governo federal formou então uma comissão para estudos, em caráter sigiloso, da qual participou o Dr. Paulo Coelho Machado, conhecedor profundo da história do estado e divisionista desde estudante. Após um estudo detalhado, o presidente Ernesto Geisel encaminhou ao congresso um projeto de Lei, criando o estado de Mato Grosso do Sul, com a capital em Campo Grande pela lei complementar n.31 de 11 de outubro de 1977.

Portanto, é de grande relevância observar o “passado” de nosso estado, desde os primeiros habitantes sendo eles os índios guaranis, mesmo quando MS pertencia a Espanha e logo após, ao Paraguai, é interessante conhecer os tratados e apreciar principalmente o de

Madri que oficialmente terras de Mato Grosso passam a ser de posse brasileira; há ainda que se notar a importância da guerra da tríplice aliança.

Há, no entanto, uma necessidade de conhecer a história de MS que após a guerra, vieram às revoluções até que conseguiu obter êxito, terra lutada, sofrida, por muitos cobiçada: antes terras paraguaias, hoje terras brasileiras.

### **3. PERSONAGENS HISTÓRICOS PRESENTES NA OBRA NAVEIRIANA**

A poetisa Raquel Maria Carvalho Naveira nasceu em Campo Grande, em 23 de Setembro de 1957, é membro da Academia Sul Mato-Grossense de Letras ocupando a cadeira nº 8. Ensaísta, graduada em Letras e Direito pela FUCMT, atual Universidade Católica Dom Bosco, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo e Doutoranda em Literatura Portuguesa na USP. Inicia a sua atuação em 1977, na imprensa, publicando assim os seus primeiros poemas.

A escritora editou, até o momento, 16 obras literárias; sua primeira produção foi *Via Sacra* (1989). Escreveu livros infanto-juvenis, como *Pele de Jambo* e, em outra vertente, o livro de ensaios *Fiandeira*. Unindo história e poesia, publicou os romances *Guerra entre irmãos* (poemas inspirados na Guerra do Paraguai) e *Caraguatá* (poemas inspirados na Guerra do Contestado). Atualmente leciona na Graduação da Faculdade Anchieta, de São Bernardo do Campo/SP e na Pós-Graduação intitulada "Práticas e Vertentes do Ensino de Língua e Literaturas", da Universidade Nove de Julho (UNINOVE/SP).

Há várias pessoas que lutaram em defesa de seu país na guerra do Paraguai: uruguayos, brasileiros, argentinos, paraguayos todos por um mesmo interesse. Na obra de Raquel Naveira observamos a presença desses personagens históricos que viveram e sentiram as dificuldades e dores causadas pela Guerra Contra o Paraguai.

No poema "VII-INFERNO" a autora faz referências às dificuldades que os homens viveram na guerra e como o próprio nome do poema, eles "viveram no inferno", "se machucaram".

Há homens que presenciaram o inferno  
Nos campos semeados de cadáveres,  
Pólvora,  
Podridão,  
Em que urubus pousavam,  
Vampiros ácidos. (NAVEIRA)

A autora finaliza o poema “observando” que este “inferno” fora uma “experiência viva, para homens e almas”.

Naveira “dedica” um poema ao presidente paraguaio Solano Lopez, filho de Carlos Antonio Lopes que faleceu em 1862 deixando em seu lugar o filho. Segundo GRESSLER e VASCONCELOS fora muito bem educado, com formação política adquirida na prática administrativa junto ao pai. Como diplomata, a serviço do governo de Carlos Lopes mantinha um bom relacionamento com o Brasil com quem negociara o tratado de livre navegação.

O Mariscal, o Supremo, Francisco Solano Lopez, não teve infância de delfim. Provavelmente andou nu como as crianças paraguaias, na estância de D.Carlos, que tudo fez para ser ignorado pelo ditador Francia e manter-se afastado dos tentáculos, mais dirigidos à burguesia paraguaia e espanhola do que a plebe”.. (PERNIDJI)

Assim Naveira “coloca” Solano sendo o Supremo, e seu país estava com o poder sob o comando.

Sou a pátria  
O Supremo  
O Grande Pai  
Carái Guasu. (NAVEIRA)

Notamos que a Pátria paraguaia estava “nas mãos” do “pai” Solano Lopes.

De acordo com PERNIDJI, Esse menino adolescente, esfarrapado, feioso, porém bem alimentado como todo paraguaio, não poderia imaginar que um dia seria o senhor de todo o sangue e carne dos paraguaios, e que, a seu bel-prazer impor os castigos mais cruéis aos espanhóis, brancos puros e estrangeiros. E muito menos, que a sua vontade seria ordem e governo, sem sofrer qualquer tipo de contestação na jovem república. Teria uma amante anglo-irlandesa que lhe daria filhos, afinal meio europeus, e que, por suas ações, cavaria o próprio túmulo e levaria à desgraça toda uma nação.

Nota-se que toda luta de Solano Lopes era para que o Paraguai se expandisse, sendo que já estava com quarenta anos de instabilidade interna e se não fosse “os traidores”, Solano teria alcançado seus objetivos, assim temos na obra naveiriana:

O exercito do Paraguai  
Será o maior da América![...]  
Sonhei com um Paraguai maior  
Luminoso e livre  
Acreditei na força  
No direito sustentado pelos canhões

E agora  
Vejo traidores  
Conspirações de família [...] (NAVEIRA)

Outra personagem presente em *Guerra entre Irmãos* é a amante de Solano Lopes, Madame Lynch.

Elisa Alicia Lynch de nacionalidade irlandesa, casada na Europa com o médico militar francês Carlos Xavier de Quatrefages, viera para o Paraguai trazida pelo então jovem Solano com quem passa a viver.

Segundo Chiavenato (1980), ninguém antes de “Madame Lynch” e mesmo depois passou a possuir o direito de propriedade sobre a extensão de uma área tão grande, pois sabe-se que ela tinha em posse grande parte do território hoje considerado Mato Grosso do Sul.

Solano López se extasiou á primeira visão da bela irlandesa, alta, ruiva, olhos azuis, esguia, uma deusa saxônica, longe, muito longe do tipo guarani e das encorpadas espanholas. Fez-lhe a corte e não mais a deixou, e imediatamente com seus francos fortes, tomou-a para si. (PERNIDJI)

Segundo PERNIDJI, Elisa Alicia Lynch de Quatrefages era a mais poderosa do Paraguai. Mandava no próprio Lopes sendo que os bens que lhe restaram foram dilapidados em processos jurídicos e consumidos para a sua sobrevivência. Madame Lynch morreu só, pobre e esquecida, num subúrbio de Paris. Foi enterrada modestamente e dizem alguns como indigente. Na obra naveiriana a personagem interroga o porquê o povo paraguaio a condena, exaltando a própria beleza da personagem a autora descreve o sofrimento de Elisa quando chega ao Paraguai antes mesmo de Carlos Lopes falecer.

Porque me condenam?  
Porque fui adúltera,  
Segui um homem  
Uma aventura,  
Para um continente desconhecido? (NAVEIRA)

Raquel Naveira, autora religiosa, também exalta a Nossa Senhora em sua obra *Guerra entre Irmãos*, sendo esta a Nossa Senhora de Caacupê, senhora defensora dos paraguaios.

A imagem da santa Virgem enfeita os altares dos paraguaios. A Virgem de Caacupê foi esculpida por um índio guarani fugitivo, uma vez que ao ver-se encurralado pelos índios que o perseguiam e que iria matá-lo, ele se esconde atrás de uma grande árvore e promete

assim caso fosse salvo faria com aquele tronco o qual o protegia, uma imagem de Nossa Senhora. Fora de perigo, pois milagrosamente seus perseguidores passaram ao seu lado sem o terem percebido, o índio guarani esculpiu duas imagens da Virgem, uma grande, que destinou à igreja da aldeia, e outra menor, que fez para sua devoção particular. Padroeira do Paraguai tem sua festa principal no dia 8 de dezembro de cada ano. A imagem da Santa de Caacupê é pequena, pouco mais que 50 cm, seus pés descansam sobre uma pequena esfera cingindo - lhe o corpo uma faixa branca de seda.

Já no poema XVIII-Osório, o “líder”, a sul mato- grossense observa os feitos de Osório um homem que na guerra contra o Paraguai foi um grande “líder”. O personagem poético “observa”:

Mas esta guerra impiedosa  
Deixou-me pesado  
Queix quebrado,  
Abalado até os ossos,  
Lida cruel (NAVEIRA)

E assim são vários os personagens heróis da guerra presentes na obra naveiriana. O General Manuel Luis Osório, Marquês do Herval, foi um dos principais chefes militares brasileiros do séc. XIX. Sua carreira militar esteve sempre ligada à política do Império brasileiro na Bacia do Prata, sendo um dos mais destacados comandantes brasileiros na Guerra do Paraguai. Filho do militar Manuel Luis da Silva Borges e de Ana Joaquina Luísa Osório, ele nasceu no dia 10 de maio, na Fazenda Nossa Senhora da Conceição do Arroio, na província de São Pedro no Rio Grande do Sul, uma vez que foi criado na fazenda de gado do avô materno, Tenente Thomaz José Luis Osório. Daí em diante, o destino do “líder” esteve ligado a todas as lutas que o Império brasileiro travou no Sul, tanto contra os Revoltosos, como contra os vizinhos argentinos, uruguaios e paraguaios. Em 1º de março de 1865, Osório foi nomeado comandante-em-chefe das forças de terra brasileiras na Guerra do Paraguai. Logo em 16 de abril de 1866, comandou as tropas brasileiras que invadiram o Paraguai; foi o primeiro a pôr os pés no território paraguaio no desembarque do Passo da Pátria. No dia 1º do mês seguinte, recebeu do imperador o título de Barão do Herval. Osório foi o mais destacado comandante da primeira fase da guerra. . Em agosto de 1868, comandou as forças de terra que conquistaram Humaitá, a principal fortaleza paraguaia.

Na obra temos a presença do maior escritor de literatura, Visconde de Taunay, sendo que ele participou da expedição de Mato Grosso que depois ficou conhecida como Retirada da Laguna. Alfredo Taunay nasceu em uma família aristocrática de origem francesa no Rio de Janeiro. Seu pai, Félix Emílio Taunay, era pintor e professor da Academia Imperial de Belas Artes, e sua mãe, Gabriela Hermínia Robert d'Escragnolle Taunay, era irmã do Barão d'Escragnolle. Taunay combateu na Guerra do Paraguai como engenheiro militar, de 1864 a 1870, desta experiência resultando seu livro *Retirada da Laguna*, de 1869 e também da região surgiu o livro *Inocência*. A autora exalta o visconde em seu poema XXI e XXII assim observa que:

Nunca vou te esquecer meu francês  
De cabelos encaracolados  
Teu jeito distante  
De quem vive escrevendo,  
Perdido num país de sonho. (NAVEIRA)

O poema “XXI-TAUNAY E A RETIRADA DA LAGUNA” a autora “exalta” a expedição que depois ficou conhecida por Retirada da Laguna. Há em destaque no poema não só o escritor francês, mas também grandes heróis da guerra que participaram da expedição, o coronel Camisão e o guia Lopes.

Adentra com o coronel camisão o teatro da guerra,  
Conduzidos pelo guia lopes  
Entre brenhas e banhados  
Chegam a laguna:  
Fome  
Fogo,  
Febre  
Era preciso retroceder  
Retirar não é fugir,  
É preciso marchar (NAVEIRA)

O coronel Carlos de Moraes Camisão, sempre sério e preocupado era visto como solitário. As tropas do comando Camisão chegaram a invadir o Paraguai, mas depois recuaram devido às dificuldades encontradas. Os soldados foram atacados pela colera e o próprio coronel Camisão faleceu desta doença.

Camisão faleceu a 29 de maio de 1867, aos 47 anos, à margem esquerda do rio Miranda, O Visconde de Taunay imortalizou-o em seu livro “A Retirada da Laguna”, reproduzindo suas últimas palavras: “façam a tropa prosseguir, que vou descansar”. (GRESSLER e VASCONCELOS)

Nascido na província de Minas Gerais ,José Francisco Lopes ,o guia Lopes faleceu em Mato Grosso em 1867. Foi sertanista e fazendeiro, além de ter atuado como soldado e guia da expedição de Mato Grosso.de acordo com GRESSLER e VASCONCELOS o guia lopes tinha olhos de gavião, resistência de índio, instinto de bicho e coragem de onceiro.Serviu de guia ao coronel Camisão, comandante da coluna expedicionária brasileira que invadiu o território paraguaio e depois realizou a retirada da laguna ,vindo a morrer já em suas terras ,avistando a sede de sua fazenda ,que ficava na outra margem do rio Miranda .Suas últimas palavras foram dirigidas a TAUNAY:”*Vou morrer também. Salvei a expedição. O senhor ,que o sabe ,há de o dizer.*”

Outro personagem de grande relevância na guerra contra o Paraguai foi Bernardino Caballero de Anasco Melgarejo, nascido em Ibicui 20 de maio de 1839 faleceu em Assunção, 26 de maio de 1912 ,foi um militar e politico paraguaio.Em Humaitá, na Guerra do Paraguai era alferes e ajudante do Marechal Francisco Solano Lopez. Na Batalha de Curupaiti em 22 de setembro, no posto de capitão, comandou a Cavalaria. Participou na Campanha de Piquisiry e nasBatalhas de Itóroro, Avai,Itá-Ibaté e Lomas Valentinas. Em 24 de fevereiro de 1869, foi-lhe conferida a Medalha de Amambai.

Também personagem histórico, Luís Alves de Lima e Silva nasceu em 25 de agosto de 1803, na Vila de Porto Estrela, atual Duque de Caxias, no Rio de Janeiro sempre esteve ligado ao Exército, e entre as inúmeras batalhas destacou-se a ofensiva à fortaleza de Humaitá, no Paraguai. Ao se iniciar 1869 as tropas do Império entraram em Assunção sem encontrar resistência. O Caxias alcançou a patente máxima do Exército, a de marechal, durante a Guerra do Paraguai. Nessa guerra, liderou a Tríplice Aliança, conquistando Assunção, capital do Paraguai, em 1869. Graças à sua participação, recebeu o maior título de nobreza dado a um brasileiro pelo imperador: o de Duque de Caxias. Mas apesar de não ser o desejo do Imperador, Caxias retirou-se do comando e deu a guerra por encerrada, embora não tivesse conseguido capturar ou matar López.

Dom Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans e Saxe-Coburgo-Gota tornou-se Príncipe Imperial do Brasil por seu casamento com D.Isabel Cristina Leopoldina de Bragança que ocorreu com a ajuda de dona Francisca, princesa de Joinville, Irma do imperador, Dom Pedro II buscou príncipes da Casa real francesa para casar com suas filhas, Isabel e Leopoldina. Os noivos que vieram eram irmãos: Luis Felipe ,o conde d'Eu e

Augusto de Saxe, netos do rei da França, Luis Felipe. As princesas tomaram a liberdade de escolher o seu par quando eles chegaram ao Brasil, em 1864. Naquele ano, o Brasil estava em guerra contra o Paraguai. Ao se casar com Isabel, o conde d'Eu se tornou marechal do Exército. O jovem estava ansioso para entrar em combate, porém, teve que coordenar as operações do Rio de Janeiro porque o Exército brasileiro não admitia o comando de um estrangeiro. A doença do duque de Caxias, em 1869, permitiu a Dom Pedro II colocar o genro à frente das tropas no campo de batalha, numa operação de guerra e campanha de propaganda para fortalecer o Império Brasileiro. O conde d'Eu decidiu utilizar diversas táticas para ludibriar o exército paraguaio quanto a como e por onde o exército aliado realizaria seus ataques.. Com isso dois destacamentos foram enviados em perseguição ao presidente paraguaio Solano López, que fugira para o Norte do país, com 200 homens. Em primeiro de março de 1870, as tropas do general José Antônio Correia da Câmara atacaram o último acampamento paraguaio em Cerro Corá, onde Solano López foi morto. Na obra sul mato grossense de Raquel Naveira tem-se a frieza com que o personagem histórico-poético agiu ao enfrentar Solano Lopes:

Sou genro do imperador ,  
Marido de Isabel, herdeira do trono brasileiro,  
Sou genro ,  
Preciso provar valentia,  
Capacidade bélica,  
Autoridade militar,  
Caxias não pode levar sozinho as honras desta guerra (NAVEIRA)

No poema XXVIII- CERRO CORÁ tem –se a “atitude” do exército brasileiro ao “encurrular” Solano e como o lider Conde D’Eu ,o desejo de “vitoria” mesmo custando a vida do presidente paraguaio, assim observamos o cenário em Cerro Corá:

Chegam as tropas do General Câmara,  
Solano Lopéz,  
Vestindo alva camisa cambraia,  
Calças militares,  
Galopa em direção à mata,  
Persegue-o Chico Diabo,  
Mulato esguio,  
Com uma lança perfura o ventre de López,  
Outro soldado acerta-lhe a testa com um sabre,  
Cambaleando,  
Cego,  
Resistindo sempre ,  
O ditador de constância indomável  
Tenta atravessar o riacho,  
Brandindo a espada frouxamente  
Pronuncia a frase:

“\_\_ Morro com minha Patria”,  
Verdade cruel  
Como um tiro pelas costas. (NAVEIRA)

Em dezembro de 1864, em plena Guerra do Paraguai, foi lançado um poderoso ataque contra Coimbra sendo que ao meio-dia do dia 27 de dezembro, iniciou-se o ataque ao forte. D. Ludovina, esposa do comandante, lideraria o apoio logístico aos defensores e a resistência moral e espiritual que no momento da luta passou simbolicamente o comando do forte à Nossa Senhora do Carmo, depositando sobre os pés da santa a banda de seda vermelha do uniforme de seu marido. A noite 70 mulheres, esposas dos militares e civis sob sua liderança, manufaturaram, com o auxílio de buchas fabricadas inclusive com suas próprias roupas e pela adaptação de projéteis de maior calibre, 3500 balas de fuzil, munição consumida em dois dias de combate. Além disso, assumiram a função de prover alimentação e abastecer as posições, a fim de manter o maior número possível de soldados nas muralhas. Em assim notamos o esforço da mulher brasileira em defesa de sua pátria e assim Naveira dedica sua obra a Ludovina Portocarrero que foi forte no combate, mesmo na última hora recorreu a santa pedindo a intercessão pela Forte Coimbra e tem-se na obra no poema XVI-FORTE COIMBRA a presente narrativa:

Forte Coimbra,  
Baluarte brasileiro,  
Branco castelo[...]  
Os invasores ancoram pelo morro,  
São milhares,  
No forte, pequena guarnição:  
Portocarrero e seus homens,  
Prisioneiros  
Índios guaicurús,  
Bravas mulheres,  
Ludovina  
Aninha Cangalha,  
Maria Fuzil. (NAVEIRA)

Outro personagem que demonstrou grande heroísmo na guerra do Paraguai presente na obra de Raquel no poema XV-RIACHUELO e o Almirante Barroso. Francisco Manuel Barroso da Silva nasce em Lisboa e muda-se para o Brasil, com a família, aos 4 anos de idade. Torna-se brasileiro pela Constituição imperial de 1824. Convocado para a Guerra do Paraguai comanda a 2ª Divisão Naval, que vai apoiar a reconquista de Corrientes, na Argentina, em 1865. Barroso foi o responsável pela vitória brasileira na Batalha do Riachuelo, a mais importante da Guerra do Paraguai. Participa da contra-ofensiva nos

combates de Curuzu e Curupaiti. Com o fim da guerra, recebe de dom Pedro II o título de barão do Amazonas.

E assim temos todo um povo herói e merecedor de destaque que na guerra do Paraguai defendeu o próprio interesse de seu país, isto de ambos os lados e as conseqüências que vieram dentre elas o fato do Paraguai ser hoje um dos países mais atrasados da América Latina ,tudo por uma ambição que não abrangeu somente a necessidade de expansão de terRitórios ,mas também por títulos de barão e outros com isso foram-se vidas, lutas e tudo para hoje garantirmos o nosso território no sul do estado, hoje chamado de Mato Grosso do Sul e assim temos sempre que lembrar dos bravos que lutaram. Portanto se tem algo de suma importância é a história da Guerra do Paraguai, sobretudo se a conhecermos pela literatura Sul mato-grossense.

Portanto na obra *Guerra entre irmãos* tem-se a história da guerra grande e também nos dá subsídio de como ocorreu a formação de Mato Grosso do Sul; nesta obra temos a presença de vários personagens históricos e destaca-se a contribuição que estes indivíduos deram para a formação de MS. Portanto o livro de Naveira é relevante para aqueles que desejam conhecer um pouco mais acerca da história da Guerra do Paraguai e também observar como ocorreu a expansão territorial de Mato Grosso do Sul. Assim é pertinente conhecer a história dos personagens e a contribuição que estes deram para o nosso país; a própria capa do livro, em cor vermelha, sugere a simbologia do sangue derramado pelas pessoas envolvidas no conflito.

#### **4. AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsa à Iniciação Científica da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, que concedeu a bolsa para a realização da presente pesquisa.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CHIAVENATO, J. J. **A guerra contra o Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

COSTA, M. F. **A história de um país inexistente: Pantanal entre os séculos XVI e XVIII**. São Paulo: estação Liberdade: Kosmos, 1999.

DORATIOTO, F. **Maldita Guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

GRESSLER, L. A. e VASCONCELOS, L. M. **Mato Grosso do Sul**: Aspectos históricos e geográficos. Dourados/MS, 2005.

MARINA, J e VASCONCELOS, C. A. **História, região e identidades**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2003.

NAVEIRA, R. **Guerra entre irmãos**. Campo Grande: edição independente, 1993.

PERNIDJI, J. & PERNIDJI, E. **Homens e Mulheres na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

POMER, L. **Paraguai**: nossa guerra contra esse soldado. São Paulo: Global, 2001.